

BETAR & ARTES & LETRAS

#105 | FEVEREIRO | 2019

Massive Attack

em lisboa, a assinalar
21 anos do lançamento
do album 'Mezzanine'

B)
Betar



B Há 45 anos na vanguarda da engenharia

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Em pleno inverno, até pode custar sair de casa, mas chegar a uma sala de espetáculos acolhedora, para assistir a uma peça de teatro, uma mostra de arte, um concerto ou um festival de cinema, compensa sempre.

No que respeita a exposições, este mês sugerimos “Eça e os Maias, tudo o que tenho no saco”, com várias peças do espólio pessoal de Eça de Queirós em exibição na Gulbenkian. Na Culturgest, está a maior mostra retrospectiva do trabalho de João Onofre.

No palco do Teatro Aberto está em cena um projeto desafiante composto por duas peças do autor Florian Zeller, em dois espetáculos diferentes, representados pelo mesmo elenco. São as obras “A verdade” e “A mentira”, com encenação de João Lourenço e interpretação de Joana Brandão, Miguel Guilherme, Patrícia André e Paulo Pires.

Na música, a Orquestra de Jazz do Porto convida Jesús Santandreu para atuarem juntos na Casa da Música; o dia dos namorados dá o mote para o regresso do festival “Às vezes o Amor”, que acontece em várias cidades do país; a banda britânica Massive Attack atua no Campo Pequeno; e Luísa Sobral no Teatro Tivoli.

Quanto a cinema, o Fantasporto também está de volta ao Rivoli, com cerca de 100 filmes inéditos vindos de todo o mundo.

E por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a disponibilidade dos arquitetos Ricardo e Maria Ana Aboim Inglez para nos falarem do seu percurso profissional nas páginas da entrevista da Artes&Letras.

BETAR

A BETAR desenvolveu um projeto para construção de um lote que confina com a Rua da Costa do Castelo e com a muralha do Castelo de São Jorge, numa zona de intervenção difícil



lote localiza-se a meia encosta de uma vertente acentuada, na colina do Castelo de S. Jorge. O avançado grau de degradação das construções existentes levou à demolição integral das estruturas. A implantação da nova construção tira partido das plataformas já definidas pelas antigas edificações, e a área de construção, que nos primeiros três pisos é igual e limitada a tardoz por uma contenção periférica, estende-se para nascente nos últimos dois pisos. A construção desenvolve-se em cinco pisos a partir da cota da Rua Costa do Castelo e apresenta duas fachadas. As estruturas, em betão armado, são do tipo porticado, com pilares e paredes resistentes, definindo uma malha regular. As fundações são diretas por sapatas para todos os elementos verticais a poente do muro de contenção, e indiretas por microestacas, aplicável aos alinhamentos de elementos verticais.

Casa na Rua Costa do Castelo 58, Lisboa, Portugal

Projeto: 2015
Obra: em construção
Área Bruta de Construção: 478.0 m²
Dono de Obra: Dr. Gonçalo Menéres Pimentel
Arquitetura: Bak Gordon Arquitectos
Especialidades: Fundações e Estruturas; Escavação e Contenção Periférica:
Geotest - Consultores Geotécnicos e Estruturais

À CONVERSA COM



Aboim Inglez
Arquitectos



‘Pediram-nos para recuperar uma casa com paredes inacabadas e parte do telhado em chapa, com um orçamento limitado. A cliente não teve o preconceito de pensar «eu não vou chamar um arquiteto aqui». Sentiu, e bem, que tinha esse direito’

ABOIM INGLEZ ARQUITECTOS

Como começou esta parceria?

Arq. Maria Ana (MA) - Começou há uns dez anos, pouco antes de casarmos. Trabalhávamos noutros ateliers e experimentámos trabalhar juntos à noite. Eu colaborei oito anos com o arq. Falcão de Campos, que tinha vários projetos com o eng. Miguel Villar. É daí que conheço a BETAR, porque era, e é, uma equipa muito presente no atelier.

Arq. Ricardo (R) - Eu ainda estou ligado à José Adrião Arquitectos. Conhecia a BETAR de nome, porque o grupo de algumas pessoas com quem me dou trabalhava, e trabalha, convosco, como José Barra, Maximina e Telmo...

MA - O atelier começou a consolidar-se com o projeto do Monte da Azarujinha, em 2016. Começámos a dedicar mais tempo aos nossos projetos. Quando surgiu uma remodelação num apartamento em Lisboa, que tinha uma componente estrutural muito complexa, há dois anos, decidimos chamar a BETAR e resultou muito bem.

R - Era uma intervenção tão sensível que sentimos necessidade de estar apoiados pelas especialidades desde início, para validar se estruturalmente era possível. Era um duplex no último piso de um edifício. Os clientes compraram um dos dois apartamentos, com acesso à cobertura, ou seja, estávamos a intervir em metade da cobertura e a construção parecia muito frágil, mas quando fomos lá com o Miguel Villar, ele sossegou-nos. A obra iniciou-se há dois meses e estamos bastante entusiasmados.

E que outros projetos melhor exemplificam o vosso trabalho?

MA - O Monte da Azarujinha era um monte alentejano com uma construção de apoio agrícola datada de 1901. Tinha elementos muito interessantes: fogos de chão, um forno, uma zona com amassadeiras em cerâmica... Os proprietários, um casal de 70 anos, pretendiam uma casa de férias para a filha e netos. Dada a limitação orçamental e a dificuldade em tornar autossustentável o investimento, sugerimos que pensassem na criação de turismo rural e assim fizeram. Remodelámos o edifício original e fizemos um volume novo para os quartos, com um alpendre aberto para a imensidão do espaço.

R - O projeto mais recente, e mais peculiar, é uma casa num pequeno povoado, perto de Leiria. A cliente contactou-nos para fazer uma casa numa adega e marcámos visita. Entretanto enviou-nos fotografias que revelaram uma construção completamente descaracterizada, com algumas paredes inacabadas e parte do telhado em chapa. Era a casa onde vive a sua mãe, que ela queria recuperar, e o orçamento, viemos a saber depois, era bastante limitado. Ficámos assustados.

MA - Antes de irmos, mandou-nos referências de arquitetos que gostava. Havia ali qualquer coisa de interessante. O lugar era estranhíssimo mas as referências eram muito pertinentes. Ficámos curiosos. Chegámos lá, conhecemos a cliente a mãe e ficámos encantados. E no meio daquele aparente



Monte da Azarujinha

caos, havia flores muito bem cuidadas.
R - A cliente disse-nos que podíamos trabalhar com a casa existente ou deitar tudo abaixo. A mãe dizia que, por ela, pintavam-se só as paredes. Percebemos que a senhora gostava de estar ali, a cuidar das flores, e disse-nos que à noite gosta de ler. A filha ainda nos contou que fez umas obras com um primo e que lhe disse “escusas de vir com pladur, eu gosto é das paredes de pedra”. E nós não resistimos a tudo isto. É um desafio enorme porque parte de uma aparente desqualificação, o que nos irá ajudar a chegar ao essencial. O esforço de projeto para um orçamento assim tão limitado é muito grande porque, como estamos a trabalhar no limite, temos de lhe dedicar mais horas. Pensámos num modelo construtivo com pilares de betão armado e lajes com vigotas e abobadilhas, uma estrutura modelar com o mínimo de exigência construtiva e que venha ser possível construir com recurso a mão de obra local.

Porque é que será que a cliente não dispensou um arquiteto (e ainda bem!)?

R - Eu acho que ela percebe que a qualificação faz falta e sobretudo não teve o preconceito de pensar “eu não

vou chamar um arquiteto para vir aqui”. Sentiu, e bem, que tinha esse direito. Sabe a importância do arquiteto e é muito genuína. E tinha um desejo de procura de conforto para a mãe.

MA - Depois de conhecer as pessoas e o contexto, não hesitámos. 15 minutos de conversa e só queríamos dizer “sim, queremos fazer este projeto”. Quisemos levar arquitetura àquele lugar e àquela família. Foi efetivamente uma questão de empatia. Às vezes é o lugar que nos sugestiona, outras vezes são as pessoas. Entretanto estiveram cá, mãe e filha, para lhes apresentarmos o projeto.

R - Estávamos apreensivos em relação à reação uma vez que a maquete nos parece ser bastante radical. Trata-se de uma casa sem paredes interiores, isto é, todas as paredes são exteriores porque abrem sempre para um pátio, por forma a haver uma relação forte com o exterior. É um espaço flexível, com cortinas nos locais de maior privacidade, que não dita a maneira de usar e potencia a relação com o terreno e com as flores, porque fazemos o jardim entrar em casa.

MA - A reação da cliente foi surpreendente: “aparenta estar simples mas é bastante complexo, gosto tanto!”

SUGESTÕES



ARTES

Exposição Eça e os Maias, tudo o que tenho no saco

Várias peças do espólio pessoal de Eça de Queirós estão em exibição, pela primeira vez, em Lisboa. 130 anos depois da publicação da grande obra literária, os Maias, a Gulbenkian mostra tudo o que Eça trazia no saco. Os Maias serão o eixo central da mostra, mas à sua volta, gravitam outras obras do autor. Serão mostrados crónicas, romances, contos e muitas cartas, fotografias, pinturas, caricaturas, escultura, gravura, música da época e excertos de filmes, bem como objetos do seu espólio pessoal, como é o caso da secretária onde Eça escrevia, de pé, e a cabaia chinesa que lhe foi oferecida pelo Conde de Arnoso.

ATÉ 18 DE FEVEREIRO

Fundação Calouste Gulbenkian

ARTES

Exposição João Onofre

Conhecido sobretudo pelo seu trabalho em vídeo, João Onofre tem vindo a dedicar-se a outros suportes, nomeadamente desenho, trabalho sonoro, fotografia, performance e escultura. Concebida como uma deambulação sobre a diversidade do trabalho do artista, a exposição apresenta as diferentes modalidades com que tem vindo a refletir sobre a história da arte conceptual e a converter as suas referências em novas expressões marcadas por uma poética própria, complexa e sintética. É a maior mostra retrospectiva do trabalho de Onofre e inclui obras inéditas e um projeto concebido especificamente para a Culturgest. **ATÉ 16 DE MAIO**



Culturgest

Em pleno inverno, até pode custar sair de casa, mas chegar a uma sala de espetáculos acolhedora, para assistir a uma peça de teatro, um concerto ou um festival de cinema, compensa sempre



TEATRO

A verdade/A mentira

Neste projeto desafiante o Teatro Aberto apresenta duas peças do autor Florian Zeller, em dois espetáculos diferentes, representados pelo mesmo elenco. Põem-se as variáveis do que será verdade e do que será mentira à discussão e demonstra-se como a arte de representar se pode desdobrar em múltiplos sentidos. Na peça "A verdade" Patrícia e Paulo têm uma relação em segredo. Joana, a mulher de Paulo, suspeita de qualquer coisa. Miguel, o marido de Patrícia, é o melhor amigo de Paulo. Em "A mentira", Joana e Miguel convidaram Patrícia e Paulo para jantar. Joana viu Paulo a beijar outra mulher: será que deve dizer à amiga? Miguel considera que é melhor esconder.

ATÉ 31 DE MARÇO

Teatro Aberto
Encenação João Lourenço
Interpretação Joana Brandão, Miguel Guilherme, Patrícia André e Paulo Pires

MÚSICA E DANÇA



Orq. Jazz do Porto convida Jesús Santandreu DIA 9 DE FEVEREIRO, CASA DA MÚSICA, PORTO

A Orquestra de Jazz do Porto prepara-se para receber o maestro e saxofonista espanhol Jesús Santandreu. O músico, que já recebeu múltiplos prémios e distinções, tem uma vasta e aplaudida carreira que se estende da música de Câmara às big bands, das orquestras sinfónicas aos coletivos de sopros.

Festival Montepio Às vezes o Amor DIAS 14, 15 E 16 DE FEVEREIRO, VÁRIAS CIDADES DO PAÍS

São 17 as capitais do amor que vão celebrar o Dia dos Namorados com Aurea, Amor Electro, Cuca Roseta, David Fonseca, Diogo Piçarra, Herman José, HMB, João Pedro Pais, José Cid, Luísa Sobral, Mafalda Veiga, Miguel Araújo, Raquel Tavares, Sara Tavares, Tiago Bettencourt, The Gift e Xutos & Pontapés.



Massive Attack

DIA 18 DE FEVEREIRO, NO CAMPO PEQUENO, LISBOA

Os britânicos Massive Attack regressam a Lisboa no âmbito de uma digressão mundial que assinala 21 anos da edição do álbum “Mezzanine”, editado em 1998. Este, que foi o terceiro álbum de originais da banda, formada em 1987, em Bristol, teve um sucesso estrondoso e é agora revisto.



Luísa Sobral

DIA 22 DE FEVEREIRO, TEATRO TIVOLI BBVA, LISBOA

Luísa Sobral está de regresso aos palcos em 2019 com “Rosa”, o 5o álbum de originais. Para além da voz e guitarra, Luísa Sobral e o seu produtor privilegiaram os instrumentos clássicos: um trio de sopros e percussão clássica. “Rosa” é o álbum mais pessoal, maduro e intimista de Luísa Sobral.



Fantasporto 2019 - Festival Internacional de Cinema do Porto

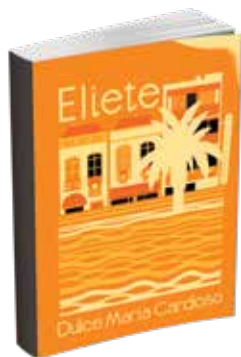
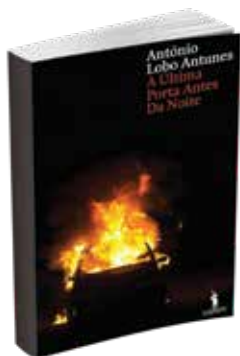
Com cerca de 100 filmes inéditos vindos de todo o mundo, a 39ª edição do Fantasporto traz nomes grandes do cinema, outros que já foi dando a conhecer ao longo dos anos, outros ainda “desconhecidos” em Portugal. Sempre em antestreia no nosso país, muitos dos filmes chegam ao Porto vencedores de prémios em importantes festivais internacionais, outros serão exibidos em antestreia europeia e mundial. É um Fantasporto cada vez mais direcionado para os públicos cinéfilos, amantes do audiovisual, que têm aumentado gradualmente nos últimos anos, abrindo sempre portas aos debates, workshops, exposições, apresentações de livros e pequenos espetáculos. Chegam ao Porto cerca de duas centenas de profissionais, desde realizadores, a produtores e atores, mas sobretudo esse cinema para descobrir.

ENTRE 19 DE FEVEREIRO E 3 DE MARÇO

PARA LER

António Lobo Antunes A Última Porta Antes da Noite

A sinopse da nova obra de António Lobo Antunes é não mais que a descrição que o jornal espanhol “El País” faz à escrita do autor português: “um autor com uma facilidade prodigiosa para enlaçar obras-primas, que dentro de cinco mil anos, em argila ou em pó de estrelas, continuarão a ser lidas com paixão”. Poderá dizer-se que há um Lobo Antunes diferente neste livro, uma vez que volta a dar um contorno à história que permite uma leitura de onde se retira um prazer enorme e muito fácil de seguir. A história é sobre o fim da vida e apresenta uma grande capacidade de análise. Mais uma excelente obra, de estilo muito particular, que mostram que António Lobo Antunes continua a ser um dos melhores escritores do nosso tempo.



Dulce Maria Cardoso Eliete

Eliete nasceu em 1974 e tem uma vida banal, recheada de pequenas conquistas que enchem de orgulho quem não sabe sonhar alto. Trabalha como agente imobiliária, é casada, tem duas filhas, não tem dívidas, nem ambições, nem invejas e pouca força de vontade para ser mais do que aquilo que tem sido sempre: mediana. Até que um dia, a vida normal de Eliete é interrompida pela súbita hospitalização da avó que sofre de demência. E quando Éder marca o golo que leva à vitória de Portugal na final do campeonato europeu de futebol, em 2016, Eliete, rodeada pelos amigos e família, apercebe-se que está, afinal, sozinha. Dentro dela só há uma grande tristeza. É aí que a agente imobiliária de 42 anos começa a perceber que tem de mudar.

Jazz a 2

Numa época em que paulatinamente se vai abandonando o hábito de ouvir rádio, preferindo esta nova geração ouvir música directamente das suas playlists, apetece-me escrever sobre um programa de rádio cuja temática é o jazz.

Foi a partir da emissão da Antena 2 que, nos meus regressos a casa, fui sendo levada a conhecer os grandes intérpretes (cantores e músicos) e compositores do jazz clássico, dos anos trinta até à actualidade, sem esquecer os portugueses que se dedicam a esta arte, orientada pela locução de Luís Caetano e Maria Alexandra Corvela, ambos dotados de uma belíssima voz. Refiro-me ao programa Jazz a 2, da autoria de João Moreira dos Santos, transmitido diariamente, de segunda a sexta, das 20 às 21 horas, ao qual foi atribuído, em 2018, o prémio de Melhor Programa de Rádio, pela SPA. Nos finais de tarde eu costumava ouvir o programa Ritornello da autoria e apresentação do Jorge Rodrigues, um grande conhecedor do repertório erudito e respectivos intérpretes que, infelizmente, viu cancelado o seu programa em 2007. Senti um grande vazio na programação do final de tarde da antena 2 desde essa altura, até que surgiu o Jazz a 2. Não sou uma ouvinte de jazz por opção mas aprecio o formato do programa, que não deixa os seus ouvintes indiferentes ao swing da música e das palavras. Nos primeiros minutos são introduzidos 2 álbuns de 2 diferentes compositores ou intérpretes, seguindo-se a audição de conjuntos de 2 faixas desses discos, intercalados com breves notas bibliográficas sobre os músicos e sobre os temas que vamos escutando. Há sempre pequenas curiosidades relacionadas com a gravação dos discos e o papel que essas músicas tiveram na história da música, inclusivamente os grandes palcos onde foram tocadas. Ainda vale a pena ouvir programas de rádio de autor, que contribuem para que, diariamente, o nosso pequeno mundo se vá enriquecendo um pouco mais, escutando a arte que toca.



**Uma programa de rádio inesquecível
por Maria do Carmo Vieira**

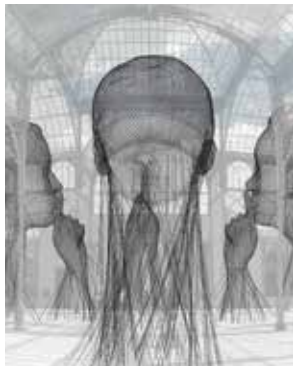
OPINIÃO

NO MUNDO



Cubismo Centro Pompidou, Paris, França

Esta exposição dedicada ao cubismo é original na medida em que se expande a outros artistas para além dos seus criadores, Georges Braque e Pablo Picasso, logo seguidos por Fernand Leger e Juan Gris. A mostra percorre assim obras de artistas menos associados ao cubismo, como Daniel-Henry Kahnweiler, Albert Gleizes, Jean Metzinger, Francis Picabia, Marcel Duchamp, Robert e Sonia Delaunay, destacando que a riqueza e criatividade deste movimento deve-se à energia criativa dos seus seguidores. **ATÉ 25 DE FEVEREIRO**



Invisíveis Palácio de Cristal, Madrid, Espanha

O artista espanhol Jaume Plensa recorre à espiritualidade, ao corpo e à memória coletiva como fundamentos da sua expressão plástica, recorrendo a materiais como o ferro fundido, a resina e o vidro. Na sua intervenção no Palácio de Cristal, "Invisíveis", apresenta rostros inacabados de figuras suspensas no ar, atravessadas pela luz e detidas no tempo, como se fossem invisíveis. Plensa é um dos criadores espanhóis de maior repercussão internacional.

ATÉ 3 DE MARÇO



Florence and the Machine Olympiahalle, Munique, Alemanha

A nova digressão da banda de Florence Welch, "Moderation", passa por Munique no início de março e promete ser estrondosa. De resto, foi assim nos habituou desde sempre. Espetáculos memoráveis, de estilo muito particular, onde a voz poderosa da cantora se destaca, numa mistura de rock e soul, embora não se possa deixar de enaltecer toda a performance musical da banda.

DIA 2 DE MARÇO

MOÇAMBIQUE



MÚSICA

MÚSICA

Matias Damásio Centro de Conferências Joaquim Chissano, Maputo. Campus Universitário da Universidade Eduardo Mondlane

Para os moçambicanos é quase um "até que enfim" o facto de Matias Damásio atuar em Maputo novamente. O cantor angolano que tem feito um percurso muito internacional, apresentará, em Maputo, o novo álbum "Augusta", em dois eventos bem diferentes. O primeiro concerto é no contexto de um jantar com capacidade para 700 pessoas, enquanto que o segundo recinto está pensado para receber cinco mil fãs. Natural de Benguela, Matias Damásio investe na música romântica, com sonoridades ora feitas ao estilo galanteador ora preenchidas por uma profunda melancolia. **DIAS 1 E 2 DE MARÇO**

Lucibela Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

A música que parte de Cabo Verde para o mundo continua a ser um tesouro único e felizmente é uma tradição bem viva, com compositores, músicos e intérpretes de primeira linha. Isso salta à vista no trabalho de Lucibela, nascida em 1986, na ilha de São Nicolau. A sua voz, doce e segura, abre horizontes à música popular do seu país e o seu repertório faz-se de uma mistura de música de raiz tradicional com clássicos e contemporâneos. Trata-se de mais uma grande voz de Cabo Verde que não deixará indiferente qualquer pessoa que sinta afinidades com as melodias do arquipélago africano.

DIA 15 DE FEVEREIRO





Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**



**Ponte de Caia,
Moçambique**